XXXIII DOMINGO DO TEMPO COMUM (ANO A)
Pr 31, 10-13.19-20.30-31; *Sal* 127; *1 Ts* 5, 1-6; *Mt* 25, 14-30
Ditoso o que segue o caminho do Senhor.

COMENTÁRIO

A sábia prudência para o fim dos tempos

Eis-nos no penúltimo Domingo do ano litúrgico. O Senhor, no Evangelho de hoje, convida-nos a reflectir de novo sobre a sabedoria da vida no fim dos tempos, e fá-lo através de outra parábola, tão bela e profunda como a das dez virgens na semana passada: a parábola dos talentos.

1. De novo a abordagem escatológico-sapiencial

A nossa parábola vem depois da parábola das virgens prudentes/insensatas e situa-se no meio das instruções sobre o fim dos tempos: primeiro há o chamado discurso escatológico de *Mateus* 24 e depois vem a parábola do Juízo Final, que fala do mesmo tema da retribuição final no regresso de Cristo (*Mateus* 25, 31-46). Torna-se, assim, clara a perspectiva escatológico-sapiencial do ensinamento de Jesus na parábola proposta, que insiste na sabedoria de vida que cada servo deve ter no fim dos tempos, quando o "senhor" voltar.

A este propósito, convém notar que, na tradição bíblico-judaica, a sabedoria consiste também na astúcia e na capacidade prática de gerir os bens e de enriquecer, como vimos no belo poema da "mulher virtuosa" e, portanto, sábia (cf. *Pr* 31, 10-31: primeira leitura), em particular: «Nela confia o coração do marido / e jamais lhe falta *coisa alguma*» (*Pr* 31, 11). Assim, com efeito, o senhor da história repreende o último servo que não soube encontrar um meio de fazer render o "talento" que lhe tinha confiado: «devias, portanto, depositar no banco o meu dinheiro, e eu teria, ao voltar, recebido com juros o que era meu» (*Mt* 25, 27).

2. «Servo bom e fiel» versus «servo mau e preguiçoso»

Nesta perspectiva sapiencial, podemos compreender melhor os "méritos" ou "deméritos" dos servos a quem o patrão confiou uma parte dos seus bens, generosa e sabiamente «conforme a capacidade de cada qual». Estes "talentos" entregues são, de facto, um grande dom gratuito (cada talento vale 10 mil denários, o que equivaleria actualmente a cerca de meio milhão de euros), mas exigem, para isso, um tratamento responsável e sábio por parte de cada servo. É o empenhamento que nasce quase naturalmente da gratidão, pela confiança que o senhor depositou em cada um dos seus servos.

Os dois primeiros servos, que receberam respectivamente cinco e dois talentos, e ganharam outro tanto dinheiro, foram elogiados pelo senhor como "bons e fiéis" e, por isso, foi-lhes concedido entrar na alegria do seu senhor. O último servo, pelo contrário, foi repreendido como «servo mau e preguiçoso». O seu drama consistiu em não acreditar na bondade do seu senhor. É a atitude que gera a dúvida, a desconfiança, o medo e, em última análise, uma visão completamente distorcida da pessoa do patrão, como fica explícito nas palavras do próprio servo: «Senhor, eu sabia que és um homem severo, que colhes onde não semeaste e recolhes onde nada lançaste.» Esta visão paralisou o servo e levou-o a não se empenhar livremente para fazer frutificar o dom recebido. Na realidade, se não se acredita nisto, qualquer desculpa será boa para não fazer nada, para ser preguiçoso em tudo.

A este propósito, para um estudo mais aprofundado, convém recordar que o preguiçoso é frequentemente denunciado na tradição sapiencial bíblico-judaica com textos irónicos muito "coloridos", como os seguintes:

Pr 19, 24: O preguiçoso põe a mão no prato, / e não se dá ao trabalho de levá-la à boca!
Pr 22, 13: Diz o preguiçoso: «Um leão está lá fora; serei morto no meio das ruas». (Por isso não sai de casa!).

Mais ainda:
Pr 10, 26: Como o vinagre para os dentes e a fumaça para os olhos, / assim é o preguiçoso para aqueles que o enviam.
Por isso, se lhe recomenda:
Pr 6, 6: Vai ter com a formiga, ó preguiçoso; / olha para os seus caminhos, e sê sábio.

À luz destes textos, a preguiça é uma expressão particular da insensatez humana. Assim, o último servo da parábola, denunciado pelo senhor como «mau e preguiçoso», torna-se, de facto, a imagem do homem insensato, que não sabe valorizar e, portanto, apreciar os dons que recebeu, para os poder utilizar com sabedoria e responsabilidade na prestação final de contas, no encontro com o patrão.

3. A perspectiva missionária do relato, ou seja, a dimensão escatológica da missão de cada discípulo de Cristo

A parábola analisada oferece uma clara advertência a todos os discípulos de Cristo. Eles são chamados a viver o período de espera do regresso seguro do seu Senhor, e a cada um deles são confiados vários dons, entre os quais se destacam a graça da fé e o conhecimento de Deus. A cada um é pedido, portanto, que viva o tempo de espera não de forma insensata e preguiçosa, mas com sabedoria e iniciativa, para que o dom da fé recebido cresça e dê fruto, primeiro em si mesmo e depois nos outros: «de graça recebestes, de graça dai» (*Mt* 10, 8b). É esta a missão principal de cada discípulo de Cristo enquanto espera a Sua vinda. Não se trata de saber quão grande será o rendimento do capital obtido, mas de reconhecer os dons que o Senhor concedeu aos Seus, para depois os utilizar segundo as próprias capacidades e com o apoio constante do mesmo Senhor que prometeu, quando enviou os Seus em missão a todos os povos: «Eis que estou convosco todos os dias, até ao fim do mundo» (*Mt* 28, 20b). Assim seja. Amén.

Citações úteis:

PAPA LEÃO XIV, Consistório Extraordinário, *Homilia*, Basílica de São Pedro, Quinta-feira, 8 de janeiro de 2026
[…] O Amor de Deus, do qual somos discípulos e apóstolos, é um Amor "trinitário", "relacional", fonte daquela espiritualidade de comunhão da qual vive a Esposa de Cristo e da qual ela quer ser casa e escola (cf. Carta ap. *Novo millennio ineunte*, 6 de janeiro de 2001, 43). São João Paulo II, desejando o seu crescimento no início do terceiro milénio, definiu-a como um «o olhar do coração voltado para o mistério da Trindade, que habita em nós e cuja luz há de ser percebida também no rosto dos irmãos que estão ao nosso redor» (*ibid*.).
Assim, o nosso "parar" é, antes de tudo, um grande ato de amor – a Deus, à Igreja e aos homens e mulheres de todo o mundo –, com o qual nos deixamos moldar pelo Espírito: primeiro, na oração e no silêncio, mas também olhando-nos nos olhos, ouvindo-nos reciprocamente e dando voz, através da partilha, a todos aqueles que o Senhor confiou, nas mais diversas partes do mundo, aos nossos cuidados de Pastores. Um ato a ser vivido com coração humilde e generoso, na consciência de que é por graça que aqui estamos e que não há nada, do que trazemos, que não tenha sido recebido como dom e talento a não ser desperdiçado, mas a ser investido com perspicácia e coragem (cf. *Mt* 25, 14-30).
São Leão Magno ensinava que «é algo grandioso e muito precioso aos olhos do Senhor quando todo o povo de Cristo se dedica em conjunto aos mesmos deveres, em todos os graus e em todas as ordens […] colaboram com um mesmo espírito […]. Então – dizia ele –, os famintos são alimentados, os nus são vestidos, os doentes são visitados, e ninguém busca os próprios interesses, mas os dos outros» (*Sermões*, 88, 4). Este é o espírito com que juntos queremos trabalhar: o de quem deseja que, no Corpo místico de Cristo, cada membro coopere ordenadamente para o bem de todos (cf. *Ef* 4, 11-13), desempenhando com dignidade e em pleno o seu

ministério sob a orientação do Espírito, feliz por oferecer e ver amadurecer os frutos do seu trabalho, assim como por receber e ver crescer os frutos do trabalho dos outros (cf. São Leão Magno, *Sermões*, 88, 5). […]

PAPA LEÃO XIV, *Mensagem para o LXIII Dia Mundial de Oração pelas vocações,* IV Domingo da Páscoa, 26 de abril de 2026

[…] «O Senhor da vida conhece-nos e ilumina o nosso coração com o seu olhar de amor». Com efeito, cada vocação só pode começar a partir da consciência e da experiência de um Deus que é Amor (cf. *1 Jo* 4, 16): Ele conhece-nos profundamente, contou os cabelos da nossa cabeça (cf. *Mt* 10, 30) e para cada um pensou um caminho único de santidade e serviço. No entanto, este conhecimento deve ser sempre recíproco: somos convidados a conhecer Deus através da oração, da escuta da Palavra, dos Sacramentos, da vida da Igreja e da doação aos irmãos e irmãs. […]

Queridos jovens, escutai esta voz! Escutai a voz do Senhor que vos convida a viver uma vida plena, realizada, fazendo frutificar os próprios talentos (cf. *Mt* 25, 14-30) e pregando as próprias limitações e fraquezas na gloriosa Cruz de Cristo. Parai, portanto, em adoração eucarística, meditai assiduamente a Palavra de Deus para a viverdes todos os dias, participai ativa e plenamente na vida sacramental e eclesial. Desta forma, conhecereis o Senhor e, na intimidade própria da amizade, descobrireis como doar-vos no caminho do matrimónio ou do sacerdócio, ou do diaconato permanente, ou na vida consagrada, religiosa ou secular: cada vocação é um dom imenso para a Igreja e para quem a acolhe com alegria. Conhecer o Senhor significa, antes de tudo, aprender a confiar n'Ele e na sua Providência, que superabunda em cada vocação. […]

PAPA FRANCISCO, *Vésperas para o início do mês missionário, Homilia*, Basílica Vaticana, Terça-feira, 1 de outubro de 2019

Na parábola que ouvimos, o Senhor apresenta-Se como um homem que, antes de partir, *chama* os servos para lhes entregar os seus bens (cf. *Mt* 25, 14). Deus confiou-nos os seus bens maiores: a nossa vida, a vida dos outros, tantos dons diferentes a cada um. E estes bens, estes talentos não representam algo que se deve guardar no cofre, representam uma chamada: o Senhor chama-nos a fazer render os talentos com ousadia e criatividade. Deus perguntar-nos-á se entramos em jogo, arriscando e acabando talvez mal vistos. Este Mês Missionário extraordinário quer ser uma sacudidela que nos provoca a ser *ativos no bem*. Não notários da fé e guardiões da graça, mas missionários.

Torna-se missionário, vivendo como testemunha: testemunhando com a vida que se conhece Jesus. É a vida que fala. Testemunha é a palavra-chave; uma palavra que tem a mesma raiz e significado de mártir. E os mártires são as primeiras testemunhas da fé: não por palavras, mas com a vida. Sabem que a fé não é propaganda nem proselitismo, mas um respeitoso dom de vida. Vivem espalhando paz e alegria, amando a todos, incluindo os inimigos, por amor de Jesus. Deste modo nós, que descobrimos ser filhos do Pai celeste, como podemos ocultar a alegria de ser amados, a certeza de ser sempre preciosos aos olhos de Deus? É o anúncio que muitas pessoas aguardam. E é nossa responsabilidade levá-lo. Neste mês, perguntemo-nos: Como é o meu testemunho?

No final da parábola, o Senhor chama «bom e fiel» quem foi empreendedor; e, ao contrário, «mau e preguiçoso» o servo que se colocou na defensiva (cf. 25, 21.23.26). Por que razão Deus é tão severo com este servo que teve medo? Que mal fez ele? O seu mal foi *não ter feito bem*, pecou por *omissão*. Santo Alberto Hurtado dizia: «É bem não fazer mal. Mas é mal não fazer bem». Tal é o pecado de omissão. E isto pode ser o pecado duma vida inteira, porque recebemos a vida, não para enterrá-la, mas para a colocar em jogo; não para retê-la, mas para a dar. Quem está com Jesus sabe que *tem aquilo que se dá*, possui aquilo que se doa; e o segredo para possuir a vida é doá-la. Viver de omissões é renegar a nossa vocação: a *omissão* é o contrário da *missão*.

Pecamos por omissão, isto é, contra a missão, quando, em vez de espalhar a alegria, nos fechamos numa triste vitimização, pensando que ninguém nos ama nem compreende. Pecamos contra a missão, quando cedemos à resignação: «Não consigo fazer isto, não sou capaz». Mas como é possível? Deus deu-te talentos, e tu consideras-te assim tão pobre que não podes enriquecer ninguém? Pecamos contra a missão, quando, num lamento sem fim, continuamos a dizer que está tudo mal, no mundo e na Igreja. Pecamos contra a missão, quando caímos escravos dos medos que imobilizam, e nos deixamos paralisar pelo «sempre se fez assim». E pecamos contra a missão, quando vivemos a vida como um peso e não como um dom; quando, no centro, estamos nós com as nossas fadigas, não os irmãos e irmãs que esperam ser amados. […]

Mostra-nos o caminho Santa Teresa do Menino Jesus, que fez da oração o combustível da ação missionária no mundo. […] Temos depois São Francisco Xavier, um dos grandes missionários da Igreja. Também ele nos sacode: Saímos da nossa concha, somos capazes de deixar as nossas comodidades pelo Evangelho? E há a

Venerável Paulina Jaricot, uma operária que apoia as missões com o seu trabalho diário: com as parcelas que deduzia do salário, deu início às Obras Missionárias Pontifícias. […]
Acompanham-nos uma religiosa, um sacerdote e uma leiga. Dizem-nos que ninguém está excluído da missão da Igreja. […] O Senhor pede que te faças dom no lugar onde estás, assim como estás, com quem está ao teu lado; que não te limites a sofrer a vida, mas a dês; que não te limites a chorar os teus infortúnios, mas deixa-te levar pelas lágrimas de quem sofre. Coragem! O Senhor espera muito de ti. Espera também que alguém tenha a coragem de partir, ir aonde há mais falta de esperança e dignidade, aonde tantas pessoas vivem ainda sem a alegria do Evangelho.